



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Debates sobre o Ensino do Holocausto como um tema sensível no âmbito do Ensino de História

Jhonatan Felipe Pereira Machado^I

Resumo: O propósito do texto é trazer reflexões acerca de como o ensino do Holocausto pode ser considerado, por excelência, o ensino de um tema histórico sensível. Isso envolve pensar como o Ensino de História tem se colocado diante de tais temas sensíveis e sua utilização no campo da história do presente. Discussões que evidenciam um passado vivo dentro das representações sociais e valores que permeiam a sociedade contemporânea, tendo aqui o holocausto como tema central. Temas sensíveis como o holocausto nas aulas de história levam a pensar sobre conflitos e problemas da modernidade.

Palavras-chave: Ensino de História; Ensino do Holocausto; Temas Sensíveis.

Debates on the Teaching of Holocaust as a sensitive theme in the Scope of History

Abstract: The purpose of the text is to bring reflections about how the teaching of the Holocaust can be considered, par excellence, the teaching of a sensitive historical theme. This involves thinking about how History Teaching has faced such sensitive themes and their use in the field of history of the present. Discussions that show a living past within the social representations and values that permeate contemporary society, having here the holocaust as a central theme. Sensitive themes such as the holocaust in history classes lead to thinking about conflicts and problems of modernity.

Keywords: Teaching History; Teaching the Holocaust; Sensitive Themes.

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

O ensino do Holocausto pode ser visto como o ensino de um tema sensível da história? Antes de responder a esse questionamento, há que indagar o que podemos considerar como um tema sensível ou não, no âmbito do ensino de história. Diversas questões permeiam esse debate, que não é novo; muitos autores discorrem sobre como o currículo da História ensinada pode se construir e elaborar materiais didáticos que privilegiem os temas sensíveis na perspectiva da justiça e direitos humanos.

Produções no campo do ensino de história dão conta de que existem muitas formas de se nomear o ensino de questões sensíveis: questões socialmente vivas, história emotiva e polêmica, temas difíceis, “burdening history” (história sobrecarregada ou opressora), passados vivos, dentre outros.

O fato é que essa polissemia de termos mostra que existem aproximações e diálogos que indicam se tratar de um campo comum. A preocupação em se debater no espaço escolar sobre traumas, genocídios, injustiças, direitos humanos, preconceito, racismo, xenofobia, homofobia e não uma história universalista e eurocentrada, preocupada mais com eventos políticos que envolvem homens e membros da elite.

Acreditamos que a História escolar deve falar sobre situações do cotidiano dos alunos, assuntos que evocam preocupações do presente. Não se trata de narrar eventos, datas e personagens, mas de usar esses conteúdos históricos para tornar o passado vivo e relacionados a violações de direitos humanos, casos de racismo, violência e muitos outros temas de relevância dentro da nossa sociedade contemporânea.

“A abordagem de temas sensíveis reivindica um registro o mais plural possível, permitindo que diferentes vozes se apresentem no diálogo: a professora, professor, alunos, acadêmicos e autores escolhidos^{II}”. No Brasil, os temas sensíveis evidenciam nossa sociedade multicultural e que precisa falar sobre eventos traumáticos como sinal de alerta para a atual e futuras gerações, como exemplo o Holocausto.

Primeiramente, deve-se pontuar o que são essas “questões socialmente vivas”, QSV, e “temas sensíveis”. Entende-se como questões socialmente vivas aquelas que envolvem problemas do presente, ligados a um passado vivo da história; são conflitos locais, nacionais e mundiais, que geram debates e inquietações. Essas questões se apresentam na sociedade atual por meio da mídia televisiva, digital e pela imprensa e nos convida a pensar sobre traumas, genocídios.

Esses traumas da história, ganham essa dimensão de sensível quando seu pretérito se conecta com presente, fazendo pensar, gerar questionamentos e sentimentos.

O IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e IV Encontro Internacional do Ensino de História, realizado em 2015 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), trouxe como tema central as Questões Socialmente Vivas e o Ensino de História. No texto de apresentação dos anais do evento, entende-se como QSV:

São controversas e vivas socialmente aquelas questões que problematizam as representações sociais e valores estabelecidos; aquelas que são portadoras de dimensões identitárias e que se expressam por meio de conflitos étnico-religiosos, de raça, de gênero, de relações racistas e xenófobas. São aquelas questões que tomam a memória- presente em lugares, práticas, em bens materiais e simbólicos- com um valor disputado entre grupos sociais, entre etnias, povos, em suas relações com o Estado/Nação. São aquelas questões que envolvem interesses predominantemente econômicos e de dominação geopolítica, representando conflitos históricos particulares, regionais e mundiais^{III}.

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO
ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

Dentro desse viés, as questões vivas da história ganham essa configuração quando “são tratadas como questões-problemas do presente que derivam da relação presente/ passado/ futuro e que se encontram em aberto no seio da sociedade; ^{IV}Com isso, é proeminente em nossa atual conjuntura política e social fazer reflexões sobre tais temas vivos dentro da sala de aula de história, pois eles só ganham sentido na vida dos alunos se imbuídos dessa relação passado/ presente.

As inquietações sobre “questões vivas” também nos remetem à França e às pesquisas que propuseram falar sobre o termo: Questões Socialmente Agudas ‘Socially Acute Questions’ ^VEsse conceito é usado para se referir a questões que são complexas, controversas e que estão inseridas em contextos atuais da sociedade. ^{VI}

Para essas autoras, falar sobre questões agudas/ vivas é uma preocupação constante das sociedades contemporâneas. Em meio a avanços científicos e tecnológicos, as atuais conjunturas sociais estão permeadas por problemas de vários âmbitos, tais como ambiental, político, cultural, racial, étnico, dentre tantos outros.

A revista *Sisyphus* foi editada e também tem sua introdução feita por Laurence Legardez e Chantal Pouliot, com o título: Perguntas Socialmente Agudas (SAQ). Para as autoras, as questões ganham essa conotação de quentes/ agudas quando pensadas sobre três aspectos: (na sociedade, na pesquisa e na sala de aula), conforme elas explicitam:

Na sociedade, geram debates. Frequentemente, há cobertura da mídia sobre essas questões e, portanto, os alunos podem ter um conhecimento superficial delas. Na pesquisa e no mundo profissional; na sala de aula, elas também são frequentemente vistas como ‘animadas’.

^{VII}

As autoras apontam que na sala de aula as questões agudas geram, em muitos casos, desconforto e dificuldade para os professores, no sentido que, muitas vezes, somente os dados históricos de um conteúdo, como nomes, datas e eventos não dão conta de responder possíveis questionamentos dos alunos, fazendo com que os professores prefiram não dar relevância ao tema ou tratá-lo de forma superficial, como comentam:

Nessa situação, os professores muitas vezes sentem dificuldade em lidar com elas em sala de aula, pois não podem contar apenas com o uso de fatos científicos estabilizados e temem não conseguir lidar com a reação dos alunos. Portanto, alguns professores optam por não os ensinar ou neutralizá-los (para esfriá-los), enquanto outros, ao contrário, decidem ativá-los (para aquecê-los). Parece que os professores se posicionam de acordo com o ‘grau de vivacidade’ que percebem e o ‘risco de ensinar’ que podem tolerar. ^{VIII}

A urgência em se discutir essas questões vivas ganha espaço quando se percebe que esses traumas e acontecimentos históricos não são isolados, nem novos. São necessárias mudanças no processo de ensino-aprendizagem e isso envolve pensar como o Ensino de História tem se colocado diante de temas sensíveis e sua utilização no campo da história do presente, que se constrói com seu olhar para o passado.

Assim, temas considerados controversos geram essas múltiplas sensações, tanto nos professores como nos alunos. É justamente isso que o torna sensível, é o que a história eurocentrada e linear não consegue suprir. Essas inquietações e dúvidas devem ser usadas para entender como o passado se faz presente na sociedade atual, e problemas como o Holocausto não estão presos no espaço do pretérito, mas nos ajudam a pensar o hoje.

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

Ao passo que os professores, ao encaminharem suas aulas a partir de demandas do tempo presente, são acusados de doutrinadores, sendo atacados por famílias, mídias, políticos e pelo própria Estado. Não é raro ver políticos usando mecanismos como projetos de lei para tentar neutralizar a fala dos professores, visto que os temas sensíveis incitam nos alunos o diálogo, o fazer pensar sobre a sociedade e os problemas que as afligem e o exercício da cidadania.

Se a conteúdo abordado gera tais inquietações logo ele pode ser considerado um tema sensível. A que se compreender que nem todos os temas delicados para a sociedade ou para a historiografia são para os alunos. O próprio professor pode se apropriar das dúvidas e inquietações dos alunos para perceber pistas sobre os sentidos construídos por eles diante da temática.

Se a aula sobre a escravidão no Brasil é interrompida com uma indagação do aluno (“No meu bairro um vizinho negro sofreu discriminação...”), o professor deve se apropriar desse momento para falar, por exemplo, sobre as consequências desse período na vida da população afro-brasileira atualmente.

Essa colocação do aluno se torna uma questão delicada, ou seja, ela fez o professor tomar uma decisão: seguir sua aula como havia planejado ou abrir espaço para uma discussão sobre o racismo no Brasil.

Tratar de temas polêmicos e controversos na sala de aula podem ocasionar conflitos de interesses, discussões mais acaloradas. Com isso, o professor, ao optar por tais temas sensíveis, assume um risco, devendo estar amparado pelo corpo docente e pedagógico, que deve fornecer aparato técnico, incentivo, flexibilização do currículo, com ressalva de que a interdisciplinaridade deve ser levada em consideração.

Sobre os riscos e ataques que muitos professores sofrem ao escolher os temas vivos em suas aulas, Pereira e Seffner contribuem propondo que:

As chamadas questões socialmente vivas se constituem em objetos privilegiados dos currículos de história, por um lado, em função das demandas sociais de grupos identitários e, por outro pelos constantes ataques por que passam professores que se dedicam a dar atenção ao passado vivo. Em sintonia com a trajetória apresentada de modo resumido e com os desafios do tempo presente, este artigo pretende construir o conceito de passado vivo como elemento central na constituição de currículos de história na América Latina, na contemporaneidade^{IX}.

Isso é pertinente, pois casos de colégios onde sempre os mesmos professores estão envolvidos em projetos inovadores e desafiadores são comuns. É preciso envolver toda escola e o corpo docente, visto que pensar conflitos e problemas atuais não é uma incumbência apenas das ciências humanas, mesmo sabendo que os currículos de outras áreas de ensino não privilegiam esses temas sensíveis em sua grande totalidade, dando a aparência que isso é algo restrito a certas disciplinas ajudando a aproximá-las, unindo forças, também com as demais ciências e seus respectivos currículos, como nos faz pensar Simonneaux e Pouliot:

QSVs são questões interdisciplinares. Eles não são encontrados apenas nas ‘ciências duras’ e nas ciências humanas e sociais, mas também no mundo social e profissional. Muitos atores diferentes participam da produção do conhecimento sobre esses QSVs. As decisões tomadas sobre QSVs não podem ser baseadas apenas no conhecimento científico, mas também deve levar em consideração as implicações sociais, ideológicas e valores^X.

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

Pensando mais sobre os problemas que os professores podem enfrentar ao tratar de temáticas controversas, pode-se associar ao medo do próprio docente em assumir riscos ao tratar questões conflitantes e emotivas. Por diversas razões tais como: envolver a história de vida de grupos de alunos, falta de conhecimento sobre o conteúdo, falta de formação, falta de aparato técnico, falta de apoio da instituição escolar, a sensação de que o conteúdo é inadequado para a idade do aluno ou sua pouca maturidade. ^{XI}

Na atual conjuntura política brasileira, a própria censura e pressão feitas pelos dirigentes escolares é notada; também muitos alunos influenciados pelas redes sociais ou por suas famílias trazem para a sala de aula discursos negacionistas até mesmo falas de ódio, incentivados por líderes políticos que querem legitimar a violência, o preconceito, racismo e xenofobismo como algo correto, mais do que nunca é preciso ensinar sobre respeito, igualdade e o perigo que governos autoritários trouxeram e trazem para sociedades democráticas de direito.

Em vista do que foi exposto, para o professor se sentir mais preparado ao abordar temas controversos, é preciso que, desde sua formação inicial ou continuada, os temas emotivos estejam em pauta. “A formação docente necessita oferecer espaço para as sensibilidades e o diálogo singular, que estabelece vínculos com a memória e os temas difíceis, revitalizando as relações entre presente e passado na perspectiva da educação em direitos humanos”. ^{XII}

Percebe-se como a relação professor/aluno se desenha e é vital para criar sentido aos temas controversos/polêmicos na sala de aula. “O ensino de história emotiva e polêmica fica seriamente comprometido se os alunos não veem a história como um assunto que está aberto ao debate e à argumentação”. ^{XIII}

Temas sensíveis, direitos humanos e o Holocausto.

Discorrer sobre os problemas sociais dentro da escola é também falar sobre os direitos humanos. Conflitos, genocídios, racismo, xenofobismo e outras tantas questões sociais recaem diretamente na tônica de violação desses direitos. Muitos historiadores têm se dedicado a pensar como o ensino de história está colaborando com a educação sobre os direitos humanos nas aulas, através de conflitos de um passado próximo, cheio de sentimentos e sentidos. ^{XIV}

Assim, a promoção dos direitos humanos deve ser assunto não somente nas aulas de história, como também em outras áreas. Em tempos de tantas incertezas, e recorrentes notícias de violações dos direitos humanos em todo o mundo, debater sobre a temática em sala de aula, ganha contornos ainda mais proeminentes. Sobre os direitos humanos nas aulas de História, a BNCC indica que:

“O estudo dos conflitos mundiais e nacionais, da Primeira e da Segunda Guerra, nazismo, do fascismo, da guerra da Palestina, do colonialismo e da Revolução Russa, entre outros, permite uma compreensão circunstanciada das razões que presidiram a criação da ONU e explicam a importância do debate sobre Direitos Humanos, com ênfase nas diversidades identitárias, especialmente na atualidade. ^{XV}

A BNCC faz referência à Declaração dos Direitos Humanos proferida pela ONU (1948), mas novamente não cita diretamente a temática do Holocausto. O contexto histórico da declaração da ONU envolve o mundo pós- Segunda guerra, num cenário onde diversos grupos étnicos, como os judeus, ciganos e outros tantos, foram perseguidos pelos regimes totalitários

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO
ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

européus, entendendo assim a educação como ferramenta para a direcionamento de sociedades mais tolerantes e que visassem a paz, conforme o artigo 26º coloca:

A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos humanos e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações unidas para a manutenção da paz.^{XVI}

A construção do currículo de história deve se voltar para a educação preocupada com os direitos humanos, e que incentiva o respeito as sociedades e as pessoas, tanto do presente como do passado. Nessa perspectiva, a história deve ser pensada como engajamento para os alunos pensarem as sociedades contemporâneas e os conflitos atuais com o olhar num passado que se faz a todo momento presente.

Essa construção do saber direcionada a pensar o outro e se reconhecer em suas histórias e lutas tem intrínseca relação com os direitos humanos; ou melhor, quando esses direitos não se fazem presentes para determinado grupo ou sociedade. Mais uma vez, vale afirmar que o papel de pensar os direitos humanos não é função apenas da disciplina de história; esse pensamento deve integrar todo o *ethos* da escola, todas as disciplinas juntas devem construir esse pensar mais humanitário, como sugere a ONU e grande parte dos currículos atuais.

Nessa tessitura, as questões sensíveis relacionadas a conflitos, massacres, perseguições e genocídios de povos associa-se diretamente com a questão dos direitos humanos. Não só dentro do espaço escolar que essas relações se constroem, mas também fora dela, como em visitas a espaços públicos e museus.

A reflexão sobre os direitos humanos no ensino de história não é algo novo; essa preocupação remonta a Constituição de 1988 brasileira, no seio do processo de redemocratização, pós-regime militar, em que muitos abusos, mortes e perseguições foram empreendidas a mando dos militares. No momento político-histórico que vivemos, há que se assumir uma posição de enfrentamento contra injustiças sociais; para tanto, o ensino das questões sensíveis se orienta pelos princípios da educação em direitos humanos. Conforme Pereira e Seffner:

Eis, portanto duas urgências no ensino de história para os direitos humanos: se, por um lado, compreendemos que precisamos organizar um currículo ou mesmo uma aula de história que dê conta dos temas destruturantes da vida dos jovens e da sociedade brasileira nos tempos atuais que lhe permita compreender o que é o presente e como se orientar nele, construir uma identidade, criar referências, por outro lado, é necessário para a aprendizagem histórica outro salto, que é pensar a diferença na forma de alteridade. Ou seja, “aprendo sobre mim na relação com o outro, mas, sobretudo, aprendo com o outra a experiência que nunca tive”, e é isso o que permite a movimentação no tempo em direção ao futuro para novas experiências.^{XVII}

Em 2008, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos corrobora com essa temática ao afirmar-se como algo que “é fruto do compromisso do Estado com a concretização dos direitos humanos e de construção histórica da sociedade civil organizada”.^{XVIII} E define seus propósitos:

Tornar a educação em direitos humanos um elemento relevante para a vida dos (as) alunos (as) e dos (as) trabalhadores (as) da educação, envolvendo-os (as) em um diálogo sobre maneiras de aplicar os direitos humanos em sua prática cotidiana. [...]

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

fomentar a inclusão no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos.^{XIX}

Duas questões acerca do ensino de história e suas relações com direitos humanos que devemos pensar são: é necessário pensar um currículo ou as próprias aulas de história que consigam dar cabo de temas sensíveis e controversos bem como falar de temas que façam parte da vida dos alunos, fazendo com que os jovens se orientem no seu presente, criando seus referenciais e suas identidades.

Outra questão é o aluno desenvolver uma consciência histórica, quando ele enxerga o outro e aprende sobre si, aprende com o outro, a exemplo do Holocausto, quando o sofrimento do outro me sensibiliza e me faz pensar na minha própria vida, e que mundo eu quero ajudar a construir, pensando agora também nos direitos humanos. “[...] aprendo sobre mim mesmo na relação com o outro, mas, sobretudo, aprendo com o outro a experiência que nunca tive”.^{XX}

Pereira e Seffner entendem os temas sensíveis sobre alguns pontos fundamentais. Primeiro, não podemos criar uma lista de todos os temas que são sensíveis, como um manual para os professores, pois não é um dado a priori. Para eles, temas sensíveis e sua produção se dão na relação entre passado e presente, entre os eventos históricos e a contemporaneidade e marcas da cultura dos alunos. (Pereira; Seffner, 2018). Segundo ponto, essa construção exige a sensibilidade do professor ao perceber problemas atuais e que fazem parte da vida dos seus alunos.

Terceiro ponto, para os autores, temas sensíveis estão combinados a passados vivos, no sentido de que são passados que não passam e que se manifestam de muitas maneiras, que esses temas estão na mídia, na internet, e trazem embates, divergências de opiniões.

O quarto elemento é realizar um movimento no sentido de se colocar no lugar do outro, aceitar modificações na sua própria existência, levando em conta o outro. Por fim, pensar toda a aula de história associada a educação em direitos humanos em consonância com normas nacionais e mundiais, como ONU, Unesco e outros órgãos que se colocam nessa luta.^{XXI}

Pensada essa relação dos temas agudos com a violação dos direitos humanos, há que se pensar nas sensações ligados a tais questões controversas. Uma aula de história, não é uma simples exposição de fatos. Por exemplo, quando aborda a escravidão africana no Brasil, o que se espera dessa aula é que cause sensações nos alunos, inconformidade, espanto, questionamentos, contestação nos alunos.

O aluno não deve ficar no papel de simples ouvinte, ele deve questionar, opinar, num contexto geral, deve sentir. A aula de história deve provocar sensações, e isso é alcançado quando se expõe passados vivos, e não uma linearidade de eventos, com os temas vivos o passado insiste em ser presente, e também provoca novas aprendizagens, na visão de Pereira e Seffner:

Dessa forma, temos um passado vivo que se prende ao presente como residualidade ou como remanescência, constituindo o ser do paradoxo temporal. As aulas de história se põem a tomar como conteúdo de ensino e aprendizagem as residualidade do passado que não passam, que se estendem ao presente e que habitam a memória, constituindo experiências.^{XXII}

O Holocausto como evento histórico foi único e não pode se repetir, ele se encerrou em 1945. Porém, seu estudo na escola “é um modo de ensinar conceitos que instrumentalizam as novas gerações para compreender o mundo em que vivem e tomar decisões nesse mundo”.

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO
ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

^{XXIII}Tais práticas concebidas pelo regime nazista não desaparecem por completo, elas tomaram outras formas na atualidade. Discutir essa temática ajuda criar uma sociedade mais plural que permite pensar o presente, com mais tolerância e despida de ódio e preconceitos:

Desse modo, o estudo do Holocausto se justifica porque quem ensina a história o faz sempre a partir de conteúdo do passado, mas com um objetivo que se estende ao futuro. Estudar o passado é um modo de romper com o presente, com o estado atual das coisas, mas, sobretudo, de produzir a novidade (o futuro), de criar novos mundos possíveis. Somente uma sociedade plural, pensada como espaço de trânsito contínuo da diferença, é que pode livrar-se do amálgama legado do nazismo. ^{XXIV}

Além de situar esses conceitos e terminologias, o ensino da história sobre o Holocausto também requer que os professores adotem alguns cuidados, para que a sensibilidade e a consciência histórica sejam atingidas a partir do seu ensino. Cuidados como a definição do termo “Holocausto”, o holocausto não era inevitável, atenção com respostas simples para perguntas complexas, esforçar-se pela precisão da linguagem, equilibrar as perspectivas que informam seu estudo, evitar comparações de dor, evitar romantizar a história, contextualizar o evento, traduzir estatísticas em pessoas e por último fazer escolhas metodológicas responsáveis. (Holocaust Memorial Museum dos Estados Unidos).^{XXV}

Outra premissa é a importância da relação de escolas juntamente com museus, fazendo esse trabalho histórico e pedagógico de debate, preservação, reflexão e guarda da memória do Holocausto. As razões para musealização e memória do Holocausto são inúmeras; há que se ter em mente que o Holocausto não foi o último genocídio da humanidade, eles não cessaram, mas as referências, documentação e fontes desse acontecimento, servem de amparo para sua rememoração, muito em razão da sua linguagem, que ganhou o status de universalidade.

Recentemente, com o grande crescimento político da extrema direita em muitos países, os ataques de grupos intitulados neonazistas ^{XXVI} seguem crescendo, assim o ensino sobre o Holocausto pode e deve servir de referência para discussões em sala de aula. A maneira como as marcas do autoritarismo nazista se perpetuaram a ameaçam os direitos humanos e as democracias é preocupante e deve ser alertada pelos professores.

A onda negacionista e revisionista do Holocausto não é algo novo, ela começou já durante a Segunda Guerra Mundial, quando o regime nazista usava eufemismos, como Solução Final, para se referir à morte em massa de grupos, sobretudo judeus. Isso se arrastou para os dias atuais, e o perigo de novos incidentes com dadas proporções, pode ser eminente, mais uma razão para a relevância do papel que os lugares de memória do Holocausto se concretizem e disseminem pelo mundo.

Por isso que após o período da Segunda Guerra algumas organizações vinculadas a ONU, como a UNESCO, o Icom, casas de memórias, museus e arquivos sobre o Holocausto surgem. Esses espaços são fundamentais para a preservação da memória do Holocausto, visto que muitas vítimas dos nazistas já nos deixaram ou estão em idade avançada, com isso a documentação, os objetos e depoimentos devem ser preservados por esses espaços, fazendo com que os negacionismos e revisionismos desse genocídio não se perpetuem.

A Declaração de Estocolmo, do ano 2000, atesta essa necessidade do ensino sobre o Holocausto na atual conjuntura mundial:

Com a humanidade ainda marcada pelo genocídio, limpeza étnica, racismo, antissemitismo e xenofobia, a comunidade internacional partilha a responsabilidade

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

solene de combater esses flagelos. Juntos devemos defender a terrível verdade do Holocausto contra aqueles que o negam. Devemos reforçar o compromisso moral dos nossos povos e o compromisso político dos nossos governos para que as gerações futuras possam compreender as causas do Holocausto e refletir sobre suas consequências.^{XXVII}

O estudo cuidadoso sobre o Holocausto ajuda a melhor compreender as ramificações sociais, políticas e econômicas presentes em outras formas de preconceito. O estudo/aprendizagem do tema pode fazer com que os alunos se tornem mais sensíveis frente a outros eventos traumáticos que atingem as “minorias”; é uma das formas mais eficazes de prevenção é a educação para inclusão, igualdade, respeito e garantia dos direitos humanos.

Arelado a esse contexto histórico/educacional que a proposta de visita ao Museu do Holocausto de Curitiba incorpora-se a uma sugestão de proposta pedagógica, entendendo esse espaço museológico como capaz incitar a reflexão e debate sobre o Holocausto. Dessa maneira, objetiva-se que a sala de aula seja um espaço onde as práticas influenciam profundamente os alunos nas maneiras como eles aprendem.^{XXVIII}

Notas

^I Discente do programa de Pós-Graduação (Mestrado profissional em Ensino de História- Prof História). Strictu Sensu em História, do setor de Ciências Humanas, Letras e Arte, da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. Formado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Atuou como professor de História no Colégio São José e Filosofia no Colégio Imaculada Virgem Maria em Prudentópolis-PR.

^{II} (GIL; EUGÊNIO, 2018, p.139)

^{III} ANAIS, 2015, p. 5

^{IV} [...]” (ANAIS, 2015, p. 5).

^V (LEGARDEZ; SIMONNEAUX, 2006).

^{VI} (SIMONNEAUX; POULIOT, 2017, p. 7).

^{VII} SIMONNEAUX; POULIOT, 2017, p.7

^{VIII} SIMONNEAUX; POULIOT, 2017, p7

^{IX} PEREIRA; SEFFNER, 2018, p. 3

^X SIMONNEAUX; POULIOT, 2017, p.7

^{XI} (TEACH, 2007, p. 5).

^{XII} (SEFFNER; PEREIRA; PACIEVITCH; GIL, 2018, p. 91).

^{XIII} (TEACH, 2007, p. 5).

^{XIV} (Andrade; Gil; Balestra, 2018).

^{XV} BNCC, 2018, p. 418

^{XVI} ONU, 1948, art. 26º, p. 4

^{XVII} PEREIRA; SEFFNER, 2018, p.8

^{XVIII} (PNEDH, 2008).

^{XIX} PNEDH, 2008, p. 31

^{XX} (PEREIRA; SEFFNER, 2018, p. 21).

^{XXI} (Pereira; Seffner, 2018).

^{XXII} PEREIRA; SEFFNER, 2018, p11.

^{XXIII} (PEREIRA; GITZ, 2014, p. 17).

^{XXIV} PEREIRA; GITZ, 2014, p.17

^{XXV} Holocaust Memorial Museum dos Estados Unidos, diretrizes para o ensino eficaz para a educação sobre o Holocausto. Acesso em: 22/11/2020, disponível em: <https://www.ushmm.org/teach/fundamentals/guidelines-for-teaching-the-holocaust>.

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO
ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

^{XXVI} Que faz referência ao neonazismo, à ideologia política e social do partido nacional alemão, socialista e de extrema direita, criado por Adolf Hitler (1889-1945), que pregava o racismo, a segregação racial e o ódio aos judeus (anti-semitismo). Acesso em 20/01/2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/neonazista/>.
^{XXVII} Declaração de Estocolmo, 2000.

Referências

Anais, do IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História; IV Encontro Internacional do Ensino de História: **questões socialmente vivas e o ensino de história**.

Organização de Cláudia Sapag Ricci, Lana Mara Castro Siman: Belo Horizonte: Centro Pedagógico/ UFMG, 2015. 1.100 p. Disponível em: https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419. Acesso em 25 de março de 2020.

ANDRADE, J. A.; BALESTRA, J. P.; GIL, C. Z.V. Ensino de História, Direitos Humanos e Temas Sensíveis. **Revista História Hoje**- Porto Alegre, v.7, n.13, p. 5-13, jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

GIL, C. Z. V.; EUGENIO, J. C. Ensino de história e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas. **Revista História Hoje**- Porto Alegre, v.7, n.13, p. 139 -159, jun.2018.

LEGARDEZ, Alain SIMONNEAUX, Laurence. **L'école à l'épreuve de l'actualité: enseigner les questions vives**. ESF, 2006.

PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensino de História, dever de memória e os temas sensíveis**. In: II Seminário de educação, Conhecimento e processos educativos, Santa Catarina, 2017.

PEREIRA, Nilton M; GITZ, Ilton. **Ensino sobre o Holocausto na escola**. Porto Alegre. Ed. Penso, 2014.

PEREIRA, N. M; SEFFNER, F. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, v. 7, nº 13, p. 14-33. 2018.

PARANÁ. Secretária do Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares para o ensino de história da educação básica em revisão**. Curitiba, 2007.

Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007. 76 p.

S IMONNEAUX, L., & S IMONNEAUX, J. **Como os professores percebem seu papel no ensino de questões sócio-científicas controversas?** Comunicação apresentada na Conferência Narst . São Francisco, Estados Unidos da América, 2006.

SIMONNEAUX, L. & POULIOT, C. (2017). **Introduction : les questions socialement vives (QSV) ou socially acute questions (SAQ)**. *Sisyphus journal of Education*, 5(2), 6-9. Disponible: <http://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/12246/9351>.

DEBATES SOBRE O ENSINO DO HOLOCAUSTO COMO UM TEMA SENSÍVEL NO
ÂMBITO DO ENSINO DE HISTÓRIA

MACHADO, J. F. P.

TEACH (Teaching Emotive and Controversial History). The Historical Association, 2007.
Disponível em: <https://www.history.org.uk/secondary/resource/780/the-teach-report>.